



A fotografia na educação ambiental: reflexões sobre uma ação extensionista unindo educação e comunicação¹

Andrielle Cristina Moura MENDES²

Itamar de Moraes NOBRE³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

Resumo

Relata-se as experiências vivenciadas na qualidade de participante do projeto de extensão da UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte “Imagem Educadora: o uso da fotografia para a Educação Ambiental”, desenvolvido na Escola Estadual Dulce Wanderley (E.E.D.W), localizada no bairro da Redinha, Zona Norte de Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. O projeto atendeu 20 crianças; algumas também moradoras da comunidade da África. Entre as principais atividades desenvolvidas destacam-se a realização de oficinas teórico-práticas de fotografia e curso de Educação Ambiental. A ação extensionista contribuiu para a discussão e análise da linguagem fotográfica como recurso pedagógico. Esta reflexão mostrou que a fotografia pode auxiliar à prática de ensino, relacionada à Educação Ambiental.

Palavras-chave: fotografia; comunicação; educação ambiental; percepção ambiental.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo relatar e analisar uma experiência vivida por nós na qualidade de participantes, observadores e realizadores do projeto de extensão “Imagem Educadora: o uso da fotografia para a Educação Ambiental”, na tentativa de socializar o conhecimento gerado nessa ação; visa a nossa inserção no campo da geração do conhecimento na qualidade de iniciantes à docência, à pesquisa e à ação extensionista, para o aproveitamento das experiências vividas na academia.

O Projeto é uma iniciativa da Linha de Pesquisa IMACCUS – Imagem, Comunicação, Cultura e Sociedade, vinculada à Base de Pesquisa COMÍDIA – Comunicação, Cultura e Mídia, do Departamento de Comunicação da UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A ação de extensão foi idealizada e coordenada pelo prof. Dr. Itamar de Moraes Nobre, e teve como objetivos: utilizar a

¹ Trabalho apresentado na sessão Mediações e interfaces comunicacionais, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de graduação 4º. semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, e-mail: andriellecristina@yahoo.com.br

³ Orientador do trabalho. Professor Doutor do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, e-mail: nobre@ufnet.br



fotografia como ferramenta facilitadora no processo de ensino-aprendizagem na educação ambiental, estimular a responsabilidade ambiental e social nos alunos da base de pesquisa e despertar neles o interesse pela docência, pelo ensino, pela pesquisa e pela extensão.

O Projeto foi realizado entre os meses de junho a dezembro de 2007 na Escola Estadual Dulce Wanderley, no bairro da Redinha, zona norte de Natal. A ação envolveu 01 (um) professor coordenador-orientador, 04 (quatro) alunos-monitores do Departamento de Comunicação Social da UFRN, 20 alunos da escola, com idades entre 10 e 15 anos e 16 (dezesesseis) professores da escola.

A publicação, a socialização e a divulgação de ações produtivas no campo acadêmico necessitam sair dos limites da Universidade. Conforme Santos (2002; 2004) a experiência não deve ser desperdiçada e todo o conhecimento deve ser um conhecimento gerado de forma prudente para que a humanidade possa ter uma vida decente. Nesse contexto, mostramos uma ação extensionista, cujos envolvidos demonstraram a preocupação em contribuir com a formação em educação ambiental para a formação de sujeitos ecológicos potencialmente protetores do meio ambiente.

Através da fotografia e da educação ambiental, o projeto associou educação e comunicação e aproximou as disciplinas, buscando concretizar no momento presente uma proposta para a “educação do futuro”. Educação que exige um esforço transdisciplinar capaz de unir ciências e humanidades e romper com a oposição entre natureza e cultura.

Para Morin (2006), é necessário promover o conhecimento capaz de apreender os problemas globais e fundamentais para neles inserir os conhecimentos parciais e locais. O curso de educação ambiental apresentou aos educandos problemas ambientais mundiais, como por exemplo, o aquecimento global. Para indicar possíveis soluções para este problema os educandos precisaram unir os conhecimentos e pensar soluções locais para problemas fundamentais.

Morin (2006) alerta que cuidar do destino planetário do gênero humano se torna cada vez mais indispensável a cada um e a todos, por isso deve ser um dos principais objetos da educação. A crise planetária aproxima todas as pessoas, visto que elas se confrontam com o mesmo destino.

Podemos dizer que uma das faces desta crise é o aquecimento global. Giddens (2003), ao refletir sobre o aumento de temperatura ocorrente em julho de 1998,



questiona: Serão alterações de temperatura como estas, um resultado da interferência humana no clima do planeta? E complementa:

Não podemos saber ao certo, mas temos de admitir a possibilidade de que sejam, como também o crescente número de furacões, tufões e tempestades registrados nos últimos anos. Em consequência do desenvolvimento industrial global, talvez tenhamos alterado o clima do mundo, além de ter danificado uma parte muito maior de nosso habitat terrestre. Não sabemos que outras mudanças virão, ou que perigos elas trarão em sua esteira. (Giddens, p. 31, 2003).

Conforme Giddens, nós nos inquietávamos com os riscos provenientes da natureza, mas recentemente nos inquietamos menos com o que a natureza pode fazer conosco, e mais com o que nós fizemos com a natureza.

Durante a ação extensionista, suscitamos discussões sobre problemas ambientais locais, mais especificamente, os problemas do bairro da Redinha e da Comunidade da África, e utilizamos a fotografia como recurso pedagógico, pois, em conformidade com (LOPES, 2006, p. 224), “o trabalho com a linguagem fotográfica – que envolve a produção e a leitura de imagens – pode contribuir como meio e mediação no processo de construção de conhecimento e de uma proposta de educação”.

Nesse sentido, Souza (2006) reforça que a fotografia deve ser considerada uma ferramenta que intervém tanto no processo de aprendizagem quanto na produção de descobertas não previstas nele. Assim:

A linguagem fotográfica é vista como uma prática, que pode ser estimulada na escola [...]. Colocando em foco as múltiplas formas de ver e ser visto, o ato fotográfico desponta como mais um caminho de problematização da vida, que nos permite, através da mediação técnica da câmara fotográfica, registrar, decifrar, ressignificar e recriar o mundo e a nós mesmos. (LOPES, 2006, p. 230)

Enquanto o curso de Educação Ambiental possibilitou a discussão de temas como aquecimento global, aumento no nível de água das cidades litorâneas, chuvas torrenciais, as oficinas de fotografia permitiram que os educandos se reconhecessem como agentes socioambientais e assumissem a responsabilidade de encontrar soluções locais para problemas cada vez mais urgentes, pois a fotografia nos permite observar o que muitas vezes não vemos. Conforme Kubrusly (2006), algumas imagens pela simples existência impõem alguma providência.



Nesse contexto, Morin (2006, p.64) questiona: como os cidadãos do novo milênio poderiam refletir sobre seus próprios problemas e aqueles de seu tempo? “A exigência da era planetária é pensar sua globalidade, a relação todo-parte, sua multidimensionalidade, sua complexidade necessária para conceber o contexto, o global, o multidimensional, o complexo”. Ainda orienta que “é necessário aprender a ‘estar aqui’ no planeta. Aprender a ‘estar aqui’ significa aprender a viver, a dividir, a comunicar”. (Morin, p. 76, 2006). Complementamos que aprender a ‘estar aqui’ significa também pensar soluções, reduzir o consumo, reutilizar materiais recicláveis e reciclar.

Métodos e técnicas usadas

A nossa participação no projeto ocorreu na qualidade de fotodocumentarista, de relator e de assistente direto da coordenação. Para isso visitamos a Escola Estadual Profa. Dulce Wanderley uma vez por semana, entre os meses de julho a dezembro de 2007. Para coletarmos os dados desse trabalho utilizamos o registro fotográfico, o relatório final do projeto de extensão, além de dados coletados por observação participante.

O projeto começou em junho de 2007 com oficinas de fotografia ministrada pelos monitores Kamilo Marinho da Costa Dantas e Catarina Doolan Fernandes para os demais monitores inscritos no projeto de extensão. Essa atividade propiciou a cada um dos participantes a possibilidade de aprender sobre fotografia além do que se aprende na sala de aula.

Em outubro de 2007, Magnus Gonzaga, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e professor da rede pública municipal, ministrou o curso de educação ambiental para os monitores do projeto e para os alunos e professores da Escola Estadual Dulce Wanderley.

Durante o curso ocorreram debates sobre problemas sociais e ambientais, exibição de documentários sobre o tema e apresentação dos resultados de pesquisa dos alunos; os professores da E.E.D.W colaboraram com o curso, propondo novas metodologias.

Conforme Lopes (2006), é essencial resgatar o significado e a importância da ação compartilhada, da interação dialógica, da elaboração conjunta da prática pedagógica e suas diferentes formas de mediação.



As oficinas de fotografia começaram em novembro e foram ministradas pelo coordenador do projeto prof. Dr. Itamar de Moraes Nobre e pela monitora Catarina Doolan Fernandes. A oficina de linguagem fotográfica foi dividida em duas etapas. Na primeira etapa, foram ensinadas noções básicas da linguagem fotográfica, como por exemplo, planos e enquadramentos.

Os alunos conheceram os planos fotográficos através de uma metodologia desenvolvida pelo coordenador, a qual consistiu em utilizar uma cartolina com dimensões de um papel A4, com um retângulo central medindo 24 X 32 mm.

Devidamente orientados, os alunos do projeto simularam uma máquina fotográfica com a cartolina. Através da abertura central experimentaram as composições dos planos e ângulos, assim como os pontos de vista e movimentos óticos, tendo como referentes os demais colegas do projeto e o espaço escolar. A proposta objetivou exercitar os limites do olhar, o olhar seletivo, a percepção ambiental e corporal.

Na segunda etapa da oficina, os educandos se dividiram em equipes. Nesse processo, uma continuidade do anterior, chamado de pré-fotográfico, foram utilizadas diversas revistas usadas. Baseados na linguagem fotográfica estudada anteriormente, os participantes recortaram fotografias na quais continham dados da linguagem fotográfica, colaram as fotos em folhas de papel ofício, identificaram cada plano e ângulo e apresentaram seus trabalhos em um seminário para todos os membros do projeto. Cada professor ficou responsável por uma equipe e as monitoras acompanhavam a atividade, respondendo algumas questões que surgiam ao longo da ação. Todos os alunos apresentaram os trabalhos.

Na primeira semana de dezembro, cada educando recebeu uma câmara analógica e dois filmes; os professores da Escola, o coordenador do projeto e os alunos selecionaram as áreas a serem fotografadas; professores e monitores acompanharam as cinco equipes de alunos. Cada equipe se dirigiu a uma determinada rua da Redinha. Os critérios de seleção foram: a proximidade com a escola e a existência de problemas ambientais; Cada aluno deveria tirar 10 fotografias na primeira visita acompanhada à comunidade e as demais 26 no final de semana, essa metodologia foi proposta por professores da Escola Dulce Wanderley.

Fotos: Andrielle Mendes



Para finalizar, as fotografias foram reveladas e das 36 cada aluno escolheu 5, as quais serviram de fonte para análise sobre os problemas ambientais das comunidade. A ação extensionista foi caracterizada pelo diálogo e troca de experiências. Todos tinham algum conhecimento para transmitir.

Em dezembro, durante a Feira de Ciências da Escola Dulce Wanderley, ocorreu a exposição fotográfica “Percebendo o meio ambiente”. Para compor a mostra, foram selecionadas as melhores fotografias de cada educando. A mesma exposição foi realizada no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no início do semestre letivo, em fevereiro de 2008, durante a primeira semana de aulas. As monitoras entrevistaram os educandos, os professores que colaboraram com o projeto e o coordenador do projeto e documentaram as entrevistas para a produção de um documentário sobre esta prática extensionista.

Fotos: Andrielle Mendes





Considerações finais

Compreendemos que a fotografia pode ser usada como recurso pedagógico, pois ela inclui tanto o gesto de quem fotografa quanto de quem lê a foto. O projeto permitiu que o grupo de educandos ocupasse simultaneamente dois lugares: o lugar do fotógrafo, que observa, enquadra, aciona o disparador e o lugar do leitor, que percorre a imagem, pensa, analisa e reflete.

A fotografia foi responsável por esta simultaneidade, por esta relatividade do olhar. Os alunos atuaram como fotógrafos e leitores. Ocupar dois lugares simultaneamente é ver o mundo através de perspectivas diferentes.

Nós, participantes e realizadores da ação, também ocupamos dois lugares, o lugar do professor e o lugar do aluno. Ao mesmo tempo em que ensinávamos planos, ângulos, enquadramentos, aprendíamos que uma mesma realidade pode ser vista de diferentes ângulos e que muitas vezes dependem da perspectiva do observador.

Participar deste projeto de extensão mudou a nossa percepção. Passamos a perceber o que não víamos, como por exemplo, os problemas sociais e ambientais de Natal. Compreendemos também que transmitir nosso conhecimento é um dever. Devemos ensinar tudo o que nos ensinaram.

No projeto aprendemos que parar para ouvir as pessoas é muito importante. Conhecer a realidade das outras pessoas permitiu-nos compreender que é sempre possível mudar nossa realidade. Percebemos que não temos tantos problemas, quanto imaginávamos que tínhamos; que não é por que temos alguns problemas, que vamos nos preocupar demasiadamente.

Ensinar linguagem fotográfica em uma escola da rede pública que atende muitas crianças de uma comunidade carente foi uma experiência importante. Seus pais podiam enfrentar dificuldades em seu dia-a-dia; elas podiam não ter uma alimentação adequada ou até nenhuma alimentação em suas casas, mas em nenhum momento elas deixaram isso transparecer.

As crianças acreditam nas mudanças. O que fizemos durante os seis meses de ação na escola foi mostrar que elas podem direcionar as mudanças necessárias. Mostramos, através da fotografia, que elas são agentes sociais, ambientais e culturais.

Ensinamos muito durante estes seis meses, mas aprendemos muito mais. Aprendemos que é imprescindível se aproximar das pessoas, pois dessa forma, as



distâncias geográficas diminuam. Podemos até percorrer o mesmo trajeto, mas teremos sempre a impressão que o tempo passa mais rápido, ou que o tempo não passa.

O “projeto piloto” nos permitiu ver que ações extensionistas que unam comunicação e educação podem ser responsáveis por grandes mudanças na universidade e, acima de tudo, na sociedade. Estas ações devem ser mais valorizadas dentro da academia, pois possibilitam aos estudantes e professores conhecerem realidades diferentes. Não podemos ser contrários às mudanças. Devemos aceitá-las, uma vez que estamos em constante mudança assim como tudo a nossa volta.



Referências

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole**: O que a globalização está fazendo de nós. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

KUBRUSLY, Cláudio A. **O que é Fotografia**. São Paulo: Brasiliense, 2006 (Coleção primeiros passos; 82).

LOPES, Ana Elisabete. Ato fotográfico e processos de inclusão: análise dos resultados de uma pesquisa-intervenção. In: LENZI, Lucia Helena Correa; DA ROS, Silvia Zanatta; Souza, Ana Maria Alves de; GONÇALVES, Marise Matos. **Imagem**: intervenção e pesquisa. (orgs.). Florianópolis: Editora da UFSC: NUP, CED, UFSC, 2006.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. 11. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente**: “um discurso sobre as ciências”. São Paulo: Cortez, 2004.

SOUZA, Pedro de. A foto como modo de intervenção. In: LENZI, Lucia Helena Correa; DA ROS, Silvia Zanatta; Souza, Ana Maria Alves de; GONÇALVES, Marise Matos. **Imagem**: intervenção e pesquisa. (orgs.). Florianópolis: Editora da UFSC: LENZI, Lucia Helena Correa; DA ROS, Silvia Zanatta; Souza, Ana Maria Alves de; GONÇALVES, Marise Matos. SC: NUP, CED, UFSC, 2006.